

# Educação e movimentos sociais na região de Sorocaba/SP: incipiente mapeamento

Education and social movements in the region of Sorocaba/SP: incipient mapping

Marcos Francisco Martins\*  
Débora Bergamini\*\*

## RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada junto a trinta e nove movimentos sociais da região de Sorocaba, com o objetivo de identificá-los e também a práxis educativa que desenvolvem. A metodologia de coleta de dados abarcou com um levantamento de informações disponibilizadas na Internet e com um questionário aplicado aos integrantes dos movimentos investigados. Os dados foram analisados pela referência aos conceitos de práxis comunitária e práxis social. Basicamente, o texto divide-se em duas partes, sendo que a primeira contém uma síntese das abordagens dos movimentos sociais, identificando-os como clássicos e "novos movimentos sociais", e na segunda os dados coletados são apresentados e analisados. Na conclusão, destaca-se que, apesar de limites, a práxis educativa é indispensável à existência dos próprios movimentos e à superação do atual padrão de civilidade.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. Educação Não Escolar. Educação não formal. Sorocaba/SP.

## ABSTRACT

This paper presents the results of a survey that involved thirty-nine social movements of the region of Sorocaba, in order to identify them, and to know the educational praxis that they develop. The data collection methodology included a survey of information available on the Internet and a questionnaire. Data were analyzed according to the concepts of community praxis and social praxis. The text was divided into two parts. The first contains an overview of the approaches of social movements that identifies them as classical and "new social movements". The second part presents the collected data and analysis results. In conclusion, it is emphasized that, despite limitations, educational practice is essential to the existence of the social movements, and to overcome the current standard of civility.

**Keywords:** Social movements. Non-school education. Non-formal education; Sorocaba/SP

## Introdução

**E**mbora a educação escolar seja o principal objeto dos estudos pedagógicos, a influência dos movimentos sociais na formação de concepções de mundo e na indução de práxis tem motivado pesquisadores(as) a investigar as experiências educativas que lhe são iminentes.

---

\* Graduado em Filosofia, com mestrado e doutorado em educação. É docente do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da UFSCar *campus* Sorocaba, onde coordena o Programa de Mestrado em Educação, lidera o GPTeFE (Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação). Editor da *Crítica Educativa*, é bolsista PQ-CNPq. E-mail: marcosfranciscomartins@gmail.com

\*\* Graduada em História e mestranda no programa de pós-graduação em Educação da UFSCar *campus* Sorocaba. E-mail: deborabergamini.cultura@gmail.com

Se na contemporaneidade muitos movimentos sociais eclodiram e mobilizaram-se por melhorias na educação escolar, noutras desenvolveram, também, dentro das próprias dinâmicas internas, maneiras diferentes de educar. Nessa plêiade de diversas experiências, observa-se em algumas delas modelos mais próximos do escolar, como é o caso de cursos de formação política oferecidos pelos movimentos sociais clássicos, como partidos e sindicatos, que assim como nas escolas, dispõem de ementas, objetivos gerais e específicos, material didático, planos de ensino, horários fixos etc. Em outros casos, é possível identificar a absoluta negação da escola, como são os movimentos sociais que lutam pela desescolarização.

Entretanto, se os movimentos são contra ou a favor da escola, se defendem a escolarização universal ou o fim dela, se utilizam os modelos escolares nas práticas educativas que desenvolvem ou não, o fato é que, na ação pela defesa de ideais, na práxis cotidiana, os movimentos sociais produzem processos educativos, os quais demandam pesquisa, reflexão, estudo para que possam ser conhecidos. Apesar de ainda serem escassas as produções acadêmico-científicas que procuram dar conta desse fenômeno, a ascensão dos movimentos sociais nos últimos anos tem motivado pesquisadores a enfrentarem essa tarefa heurístico-política.

Em torno disso, Gohn tem dado contribuição significativa. Ao citar a definição de movimentos sociais apresentada pelo sociólogo francês Alain Touraine, ela apresenta que, para o autor, existem três elementos que constituem os movimentos sociais, a saber: “[...] o ator, seu adversário e o que está em jogo no conflito” (GOHN, 2000, p. 145), como são as identidades que constituem os movimentos e as pautas a partir das quais eles articulam as lutas sociais. Todavia, no conflito entre “ator” e “adversário”, bem como no “jogo” conflitivo entre eles, também está sempre presente um quarto elemento, qual seja a práxis educativa. Ela é forjada na dialética relação entre reflexão e prática desenvolvidas pelos movimentos no percurso para alcançar o que se reivindica e para superar o que se identifica como adversário, com vistas à constituição de uma nova hegemonia, ou seja, uma nova direção geral (política e cultural) da sociedade (CHAUÍ, 2006).

No presente artigo, o que se pretende é apresentar um breve histórico das concepções que orientam os estudos sobre movimentos sociais na atualidade, reflexão importante para a análise dos dados levantados no que se denominou de mapeamento sobre educação e movimentos sociais na região de Sorocaba.

Entre os esforços heurísticos da investigação cujos resultados são aqui apresentados está o de identificar o “quarto elemento” inerente à práxis dos movimentos sociais circunscrita à região citada. Recorrendo a dados qualitativos e quantitativos gerados por um questionário aplicado aos membros de trinta e nove movimentos sociais pesquisados e orientado pelo materialismo

histórico e dialético, buscou-se identificar os movimentos, os sujeitos que os compõem e as práxis educativas por eles desenvolvidas fora dos muros da escola, caracterizadas como modelos educativos não escolares e que, através de processos catárticos, segundo a acepção gramsciana<sup>1</sup>, são capazes de estabelecer em seus partícipes a elevação das consciências e a transformação na forma de apreender o mundo e, conseqüentemente, agirem nele.

O texto inicia-se com a apresentação de algumas abordagens contemporâneas sobre movimentos sociais, visando à identificação dos fundamentos que orientam as práxis que desenvolvem. Em seguida, é descrita a metodologia empregada na coleta de dados para, posteriormente, apresentar o que aqui se denominou de um mapeamento.

Dessa forma articulado, acredita-se que o texto poderá contribuir, em alguma medida, com o avanço do conhecimento no campo da educação e movimentos sociais. E, assim, pode interessar não apenas aos estudiosos dessa questão, mas também aos que na prática social estão envolvidos com a educação e com os movimentos sociais, neste momento conjuntural de ascensão em que vivem na realidade nacional, particularmente depois das jornadas de junho de 2013 (cf. MARTINS, 2013).

## Movimentos sociais: diferentes abordagens e relação com a educação

Não existe consenso sobre o conceito de movimentos sociais. Os inúmeros paradigmas teórico-metodológicos que orientam os estudos e as pesquisas sobre esse fenômeno social, nas mais diversas áreas das ciências humanas e sociais, guardam não apenas interpretações próprias de mundo, de homem, de ciência e de prática social, mas também de movimentos sociais.

Entre as mais variadas fontes para estudar as formas pelas quais os homens organizaram-se e empreenderam ações coletivas na história, pode-se encontrar referências sobre o assunto desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade. No entanto, foi com a modernidade e com a consolidação do modo de produção capitalista, no século XIX, que o tema movimentos sociais ganhou destaque e foi tomado, de forma mais sistemática, como objeto de estudos e pesquisas.

Estudado, sobretudo, por pesquisadores e militantes marxistas, o conceito de movimentos sociais não se encontra definido nem mesmo nesse paradigma, o materialismo histórico e dialético. De fato,

[...] não há uma teoria marxista dos movimentos sociais plenamente desenvolvida e articulada. Isso porque a contribuição dos autores vinculados ao marxismo, sobretudo os clássicos, priorizaram a discussão das formas partido e sindicato, bem como a relação entre ambas. Nesse sentido, o movimento operário era o movimento social

---

<sup>1</sup>Para conhecer melhor o conceito de catarse na acepção de Gramsci e a centralidade dele na pedagogia histórico-crítica de Saviani, cf. o texto de Cardoso e Martins (2014).

por excelência, de modo que a noção de movimento social estava vinculada à condição de classe operária e à luta entre capital e trabalho. Essa perspectiva foi desafiada não apenas pela eclosão dos chamados “novos movimentos sociais” nos anos de 1960, mas também as teorias elaboradas para explicá-los. (GALVÃO, 2011, p. 107)

Até meados dos anos 1970, os movimentos sociais articulavam-se, exclusivamente, por meio da identidade de classe. Martins e Mendonça (2010) indicam a identidade desse tipo de movimento quando postulam que:

Os movimentos sociais clássicos são aqueles cuja identidade entre seus sujeitos constituintes se estabelece a partir da luta de classe, que é desenvolvida com o objetivo de mobilizar as classes subalternas para a revolução do modo de vida social capitalista, e que são representados predominantemente pelos sindicatos e partidos. (MARTINS E MENDONÇA, 2010, p. 20)

Segundo Picolotto, é possível destacar na contribuição do marxismo para o estudo dos movimentos sociais a relação que Marx estabeleceu entre teoria e prática, entre reflexão e ação, consubstanciadas no conceito de práxis. De fato, é possível identificar na influência marxista sobre os estudos dos movimentos sociais duas grandes correntes (GOHN, 2000). Uma primeira denominada ortodoxa, expressa nas obras de Lênin e de Trotsky, que tem influência no legado de Marx maduro, sobretudo, no período pós 1850; nela, demarca-se uma maior importância dos fatores econômicos e macroeconômicos sobre a ação social, constituindo as bases que fundamentam as denominadas abordagens clássicas dos movimentos sociais (cf., por exemplo, TUMOLO, 2002). A segunda corrente é identificada como heterodoxa, inspiradas nas obras do jovem Marx, particularmente nos estudos sobre ideologia e alienação; Rosa de Luxemburgo e a Escola de Frankfurt são identificados por Gohn como representantes dessa corrente, que tem na superestrutura social o foco de estudos, os quais são o ponto de partida para os paradigmas dos “Novos Movimentos Sociais” (NMS).

Historicamente, o “modelo clássico”, no decorrer dos anos 1970, foi cedendo espaço ao modelo articulado pelas novas identidades, com formas organizacionais próprias e teorias que procuravam compreendê-los. Surgem, assim, os NMS (PICOLOTTO, 2007) e, também, “novas interpretações” sobre esse fenômeno social. É abordada aqui, de forma sintética, as perspectivas contidas nas obras de três importantes teóricos do paradigma dos NMS, a saber: Alain Touraine, Manoel Castells e Alberto Melucci. Interessa, particularmente, a visão que cada um deles têm sobre as seguintes questões fundamentais aos movimentos sociais: como formam-se os movimentos sociais? Qual é a função social e educativa dos movimentos? Quais são as possibilidades de transformação social resultante da práxis dos movimentos?

Uma referência significativa dessa nova interpretação dos movimentos sociais é, sem dúvida, Touraine, para o qual

A ideia de classe, ligada à luta revolucionária, foi substituída pela ideia de movimento social, emerso de uma dinâmica social. Não eliminou o conflito do movimento, mas civilizou-o pela ideia de dinâmica e, principalmente, pela ideia de atores sociais. Este conceito, por sua vez, transfere o motu da história do externo para o interno. Não são as leis de superestruturas ou infra-estruturas que comandam a história, mas atores conscientes. Por isso, às forças econômicas, Touraine contrapõe as forças morais. É nesse sentido que ele tenta uma síntese entre Marx e Weber. O substrato cultural, decorrente do sujeito, é o móvel social. (MALFATTI, 2011, p. 223 e 224)

A partir dessa perspectiva de análise, Touraine conceitua os movimentos sociais como “[...] a ação conflitante de agentes de classes sociais lutando pelo controle do sistema de ação histórica” (TOURAINÉ, 1977, p. 336). Para ele, a formação dos movimentos está associada a interesses opostos entre os atores sociais, que lutam pelo controle da orientação da sociedade. Melucci também faz uso da concepção de atores sociais e da ação social que desenvolvem, mas defende que os movimentos surgem quando os atores entram em disputa pelos mesmos recursos, fazendo com que os embates empreendidos rompam os limites do sistema existente. Diz Melucci que,

[...] as teorias dos anos 70 também deixam problemas insolúveis. As teorias estruturais, baseadas na análise de sistemas, explicam por que mas não como um movimento se estabelece e mantém sua estrutura [...] Os dois pontos de vista não são irreconciliáveis. Cada um deles é legítimo em seus limites, mas ambos, infelizmente, com freqüência e talvez, implicitamente, são tomados como explicação global. Segue-se, portanto, que a análise se concentraria mais nas relações sistêmicas do que na simples lógica dos atores. Mas, ao mesmo tempo, a ação não pode ser analisada somente dentro das contradições estruturais. A ação tem de ser considerada como interação de objetivos, recursos e obstáculos, como uma orientação intencional que é estabelecida dentro de um sistema de oportunidades e coerções. Os movimentos são sistemas de ação que operam num campo sistêmico de oportunidades e limites.”(MELUCCI, 1989, p. 52)

Por sua vez, Castells, que utiliza a abordagem contemporânea de “redes”<sup>2</sup> para situar as práticas dos movimentos sociais, entende que a formação desses está relacionada ao rompimento dos sujeitos com a rede de dominações a que estão submetidos; por meio da afirmação do que o autor identifica como identidades primárias (etnia, gênero, religião, etc.), formam “comunidades de resistência”. Se as identidades primárias são para Castells o ponto de partida para o rompimento dos sujeitos gerais e específicos com as redes de dominação,

---

<sup>2</sup> "Assim, em termos históricos, as redes eram algo do domínio da vida privada, enquanto o mundo da produção, do poder e da guerra estava ocupado por organizações grandes e verticais, como os estados, as igrejas, os exércitos e as empresas que conseguiam dominar vastos pólos de recursos com um objectivo definido por uma autoridade central. As redes de tecnologias digitais permitem a existência de redes que ultrapassem os seus limites históricos. E podem, ao mesmo tempo, ser flexíveis e adaptáveis graças à sua capacidade de descentralizar a sua *performance* ao longo de uma rede de componentes autónomos, enquanto se mantêm capazes de coordenar toda esta actividade descentralizada com a possibilidade de partilhar a tomada de decisões. As redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede, tal como as redes de potência (ou redes energéticas) eram as infra-estruturas sobre as quais a sociedade industrial foi construída." (CASTELLS, 2006, p. 18)

a função social dos movimentos, ou meta-social, como o próprio autor denomina, referem-se ao horizonte histórico em que a ação coletiva é empreendida. Se as identidades primárias derem lugar apenas a identidades de resistência isoladas, a função dos movimentos ficará atrelada, apenas, a uma garantia da sobrevivência. O fator de transformação social, para Castells, está diretamente relacionado à capacidade dos movimentos de negação das redes de poder estabelecidas e na formação de novas redes, que partam das comunidades de resistência e estabeleçam projetos societários capazes de formarem os sujeitos para a transformação da estrutura social como um todo.

Para Touraine, o projeto dos movimentos sociais deve estar relacionado à disputa com os adversários pela direção da sociedade. Sobretudo em trabalhos mais recentes, relaciona a função social dos movimentos sociais à possibilidade de criar as condições necessárias para que os sujeitos sejam capazes de se manifestar. É de Touraine a concepção de que seriam os movimentos sociais os agentes desejáveis para a transformação social, mas ele mesmo atenta para a baixa ocorrência deste tipo de movimentos nas histórias das lutas sociais contemporâneas.

Se para Touraine e Castells são os movimentos sociais os agentes de transformação social, Melucci os contradiz, advogando que, para que haja transformação na sociedade, basta que existam movimentos sociais. Para o autor, a existência por si só de movimentos é suficiente para afetar os códigos simbólicos dominantes e romper o prenúncio de variação tolerada pelo sistema dominante, desatrelando, portanto, a perspectiva de mudança relacionada a transformações concretas nas estruturas sociais.

Nas novas abordagens sobre os movimentos sociais, portanto, o elemento classista é incorporado ao âmbito cultural e identitário, tornando a classe mais uma das muitas identidades que não apenas articulam os movimentos sociais, mas também formam os homens e transformam o sistema de vida social. A identidade de classe, portanto, é reconhecida como identidade, mas com o mesmo status das demais (raça-etnia, gênero etc.) em relação aos impactos no sistema de vida, o que torna essa perspectiva chamada de pós-moderna (cf. HARVEY, 1993) bastante diferente da abordagem materialista histórico-dialética, que entende a classe como determinante, em última instância, das relações sociais. Vista a abordagem pós-moderna a partir da perspectiva clássica, não seria a ela possível, portanto, transformar a sociedade estruturalmente, pois para tanto é necessário superar as relações de classe. Logo, para a perspectiva classista, a abordagem cultural e identitária funcionária apenas para promover avanços pontuais, localizados, reformas superficiais no sistema de vida, mas não na totalidade da vida social, transformando-a radicalmente pelo processo revolucionário.

Se a articulação dos NMS por identidades que não estão, necessariamente, vinculadas a uma perspectiva de classes permitiu que abordagens não-marxistas ou "neo-marxistas" tornassem-se quase hegemônicas nos estudos

contemporâneos dos movimentos sociais, é possível destacar três proposições para uma análise marxistas desse fenômeno na contemporaneidade (GALVÃO, 2011), a saber: (a) uma perspectiva ampliada da ideia de classe permite que o(a) pesquisador(a) aponte elementos classistas nos discursos de membros dos movimentos, mesmo que o movimento identifique-se como cultural ou identitário; (b) os movimentos não são necessariamente uniclassistas, mas sim pluriclassistas, ou policlassistas (incluindo classe média e camponeses na luta dos(as) trabalhadores(as)); logo, se as classes não são homogêneas, não os são os movimentos, nem suas demandas; (c) embora nem todo conflito reduza-se a um conflito de classe, a centralidade na oposição capital/trabalho na sociedade contemporânea pode ocultar as relações classistas nos seio das reivindicações identitárias e culturais.

Cabe aqui ressaltar que, embora os anos 1960/1970 tenham sido marcados por uma ruptura paradigmática, que deu origem a duas abordagens distintas dos movimentos sociais, uma chamada de clássica e outra de NMS, o modelo organizacional dos movimentos é influenciado hordiernamente tanto pelo paradigma clássico quanto pelo paradigma dos NMS. Portanto, é fundamental sublinhar que, nos dias atuais, é possível identificar movimentos organizados em torno do princípio de classe, como também os que se articulam pela identidade cultural, religiosa, étnica etc., bem como os que se autointitulam como articulados tanto pelo princípio de classe quanto pelas novas identidades. Ademais, é possível observar autores que mesmo dentro das abordagens não-classistas, identificam no conceito de “trabalho” uma relação oculta de classe (GALVÃO, 2011), que ainda que não seja declarada, compõem os contextos de luta empreendidos pelos mais variados movimentos sociais contemporâneos.

Independentemente do paradigma que os orientam, a principal diferença entre os movimentos sociais se revela na práxis que desenvolvem, que é possível conhecer pelos objetivos visados pelos sujeitos, o que está relacionado à consciência de si e do mundo, e pelo efetivo impacto que causam na vida social. Nesse sentido, observados os movimentos sociais, pode-se perceber que eles desenvolvem, basicamente, dois tipos distintos de práxis: a comunitária e a social. Por práxis comunitária entende-se um tipo de ação que

[...] tem um limitado alcance histórico, ou melhor, não há nela grandes preocupações em conhecer e nem em transformar globalmente a realidade, mas principalmente promover ajustes parciais, sem afetar a dinâmica global do modo de vida. Ao invés de redirecionar as relações societárias, as alterações minimalistas que a “práxis comunitária” nela promove colabora com a sua revitalização e reprodução, o que é bom para as classes dominantes e dirigentes, mas ruim para quem sofre as conseqüências da nefasta lógica da exclusão, da coisificação e do fetichismo próprios do sistema de vida sob a forma do capitalismo flexível (MARTINS, 2007, p. 115).

Por sua vez, a

[...] “práxis social” é profundamente diferente do “agir comunitário” (GOHN, 1999, p. 86) empreendido atualmente, mormente pelo que denominamos de “terceiro setor”. Aliás, as diferenças entre a “práxis

social” até então desenvolvida pelas classes subalternas e seus intelectuais orgânicos e a “práxis comunitária”, hoje posta em prática por algumas organizações sociais, são de tal ordem que entre elas se configura uma verdadeira oposição. Enquanto a “práxis social” buscava a mobilização das massas pela ação politizada e ideologizada, articulada por instrumentos organicamente vinculados entre si (como os partidos, os sindicatos e até mesmo mediante organizações internacionais dos trabalhadores, como é o caso das “Internacionais”), que indicavam o engajamento permanente e a perspectiva estratégica de transformação global do modo de vida, a “práxis comunitária” é focalizada, despolitizada, e articulada por instrumentos de mobilização cujo engajamento é eventual e de perspectiva não estratégica, além de afirmar-se como neutra ideologicamente. Um exemplo elucidativo da oposição anunciada entre “práxis social” e “práxis comunitária” pode ser conferido ao se observar os sujeitos de cada uma delas, que respectivamente são o militante e o voluntário. O primeiro é o paradigma da ação social de perfil moderno, cujo engajamento e luta no processo de transformação social é princípio e finalidade de vida, enquanto que o voluntário, como o modelo de ação do “terceiro setor”, se engaja momentaneamente, sobretudo em campanhas específicas para tratar de problemas particulares, que não comprometem a sua vida e nem, muito menos, implica em riscos para o sistema social vigente, que o incorpora dinâmica reprodutiva (MARTINS, 2007, p. 117).

Dessa maneira concebida a práxis, é por ela que se pode não apenas definir os movimentos sociais, mas também conhecer o tipo de processo educativo que lhes são imanentes. Entendida como fenômeno inerente ao desenvolvimento da vida social, uma vez que se caracteriza por ser a “[...] produção no indivíduo singular da humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1992, p. 21), a educação está presente em todas as formas de ação social, inclusive a que é promovida pelos movimentos sociais, sejam os clássicos, sejam os contemporâneos. Mas em cada um deles ela se manifesta diferentemente: como práxis comunitária ou práxis social.

Investigar a plêiade de diferentes abordagens dos movimentos sociais nas perspectivas clássica ou do NMS, observando-os com lentes marxistas e pós-modernas, revela como os teóricos concebem as possibilidades de transformação social e os processos de formação, isto é, a educação por eles desenvolvida, ou melhor, pelos atores/sujeitos que os articulam.

Se, para Castells, na formação dos movimentos sociais o modelo ideal de desenvolvimento humano está submetido a formação de “identidades de projeto” (cf. PICOLOTTO, 2007, p. 166), sendo essas formadas quando os “[...] atores sociais utilizam todo o material cultural ao seu alcance para construir uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, buscando a transformação de toda a estrutura social” (Idem, *ibidem*), isso passa pelo que o autor identifica como a “utilização de todo o material cultural” e, assim, pela necessidade de um processo educativo. É possível, portanto, conceber o modelo pós-moderno de educação no pensamento castelliano no momento em que o autor centra a educação no “elemento cultural”, ou seja, na ideia de que todos os

homens devem ser educados, independentemente de a qual classe pertençam, ou seja, devem todos “[...] reaprender a viver na nova, complexa, diversa e cambiante realidade” (MARTINS, 2016, p. 52).

Touraine defende a centralidade da formação de sujeitos para as transformações sociais e acredita serem eles capazes de recuperar a modernidade dilacerada pela rearticulação da razão e da subjetivação. Nesse processo, os atores dos movimentos sociais combinariam o combate a um conflito propriamente social a um movimento cultural. Ou seja, para Touraine, assim como para Castells, o “sucesso” dos movimentos sociais passa, necessariamente, por uma tomada de consciência do indivíduo, por um processo de ampliação da visão de si, do mundo e do homem.

Ainda que Touraine e Castells observem os movimentos sociais com as lentes da pós-modernidade, o fator determinante de um processo educativo apontado pelos autores como elemento fortalecedor da ação dos movimentos sociais permite identificar, também nas abordagens contemporâneas, a existência de uma dimensão educativa nos movimentos sociais, ainda que a superação da sociedade de classes não seja o objetivo desses processos.

De outro modo concebem a educação os autores que se orientam pelo materialismo histórico e dialético. Saviani, por exemplo, entende a educação no imbricamento dialético com as determinações objetivas do modo de produção da existência, que tem a classe como categoria estruturante, não a reduzindo, portanto, à dimensão cultural. Assim, concebe-a como mediadora da prática social global.

As práxis educativas orientadas pelo marxismo possuem o compromisso central de superar as contradições oriundas do metabolismo do capital, que se revelam não apenas nas relações econômicas, mas também nas sociais, políticas e culturais. E esse compromisso se efetiva por meio de um processo de ensino-aprendizagem, escolar e não escolar, que “visa à formação integral” (MARTINS, 2016, p. 52) dos sujeitos, “unitária” no vocabulário gramsciano, orientado por uma pedagogia crítica<sup>3</sup>.

A pesquisa cujos resultados são aqui apresentados orientou-se pelo conceito marxista de práxis e buscou identificar proximidades e distanciamentos das ações educativas dos movimentos sociais da região de Sorocaba-SP, a partir das modalidades social e comunitária que apresenta, sem negligenciar aspectos transitórios entre elas.

## Sobre a metodologia empregada na coleta de dados

Diante da necessidade da coleta de dados sobre os movimentos sociais da região de Sorocaba/SP e da opção por tentar abranger-lhes no maior número

---

<sup>3</sup> O conceito de crítica, em Saviani, refere-se à “[...] consciência dos condicionantes histórico-sociais da educação [...] é próprio da consciência crítica saber-se condicionada, determinada objetivamente, materialmente, ao passo que a consciência ingênua é aquela que não se sabe condicionada, mas, [...] acredita-se superior aos fatos [e] capaz de determiná-los por si mesma.” (SAVIANI, 2013, p. 229)

possível, considerando a impossibilidade de observação in loco, tomou-se como instrumento de pesquisa a Internet e as redes sociais.

A coleta de dados sobre os movimentos foi feita por meio de um questionário e a metodologia dividiu-se em quatro etapas, quais sejam: a) listagem dos movimentos sociais clássicos e contemporâneos a serem pesquisados; b) elaboração de questionário a ser aplicado; c) envio dos questionários por diferentes canais de comunicação; d) tabulação e análise dos resultados obtidos à luz das referências bibliográficas empregadas na pesquisa.

Na etapa de elaboração da listagem dos movimentos sociais a serem pesquisados, tomou-se como ponto de partida os movimentos que participaram do Fórum dos Movimentos Sociais da Região de Sorocaba<sup>4</sup>, somando-se posteriormente a esses, outros movimentos identificados pelos pesquisadores autores deste artigo. O levantamento considerou tanto os movimentos sociais clássicos, como partidos e sindicatos, quanto os denominados NMS, como os coletivos de cultura e de gênero, por exemplo. Foi, também, ponderada na composição da lista dos movimentos investigados os que orientam as ações por uma perspectiva considerada de esquerda, quanto os que identificam-se com um modelo de ação considerado de direita (cf. SADER, 2010, passim).

Após a elaboração da lista final dos movimentos sociais da região de Sorocaba a serem pesquisados, foi realizado um breve levantamento de informações disponíveis em blogs, sites e redes sociais, em especial no Facebook.

Para a elaboração dos questionários aplicados definiu-se que, apesar de a educação ser o foco da pesquisa, era necessário conhecer os movimentos para além dela, inclusive acessando dados do membro do movimento que respondeu à pesquisa, uma vez que, em muitos casos, o questionário não passou pelo crivo da coletividade articulada pelo movimento, pois foi respondido por um dos membros. Isso indica uma limitação dos dados aqui apresentados e analisados, pois existem distanciamentos entre a visão de um único membro do movimento e a perspectiva do coletivo que o compõe.

Nesse sentido, quatro foram os blocos de questões apresentadas no questionário, a saber: identificação e perfil do(a) respondente; concepção de movimento social do(a) respondente; atuação do(a) respondente no movimento social; atividades educativas dos movimentos sociais que atua ou atuou.

A distribuição do questionário foi feita virtualmente e dividida em dois processos. Inicialmente, enviou-se o questionário à lista de e-mails do Fórum de Movimentos Sociais da Região de Sorocaba e grupos do Facebook (etapa

---

<sup>4</sup> O referido Fórum foi uma articulação resultante do *I Encontro UFSCar-Movimentos Sindicais e Sociais da região de Sorocaba*, ocorrido entre os dias 1 e 2 de julho de 2011 e promovido por alunos e professores da Universidade Federal de São Carlos, *campus Sorocaba*, junto com 40 organizações e movimentos sociais da região. Para conhecer essa experiência, recomenda-se a leitura do livro *História dos movimentos sociais da região de Sorocaba: origens, conquistas e desafios* (MARTINS, 2012a).

realizada entre os dias 10 e 15 de fevereiro de 2016), seguido pelo envio do questionário diretamente a membros dos movimentos que não responderam de forma espontânea via e-mails e rede social (etapa de 05 e 07 de março de 2016).

Nos referidos períodos, o questionário ficou disponibilizado em um endereço eletrônico e no dia 15 de março de 2016 ele foi bloqueado para o recebimento de novas respostas, somando um total de 29 respostas cedidas por membros de 22 diferentes movimentos, pouco mais de 50% dos movimentos listados inicialmente.

Após essa fase, todos os movimentos que responderam de forma espontânea ao questionário e não estavam elencados na lista inicial foram acrescentados, sendo realizada também com esses a pesquisa sobre dados disponíveis em sites, blogs e/ou rede social.

A partir dos resultados obtidos, foram elaboradas duas tabelas, sendo a primeira com as informações disponíveis na Internet e a segunda com as respostas obtidas no questionário.

## Educação e movimentos sociais na região de Sorocaba/SP

A cidade de Sorocaba está situada a 100 km da metrópole de São Paulo e apresenta cerca de 645 mil habitantes (IBGE, 2010). É hoje sede da recém-criada Região Metropolitana de Sorocaba, que reúne 26 municípios, totalizando 1,8 milhão de habitantes, sendo a 15ª região metropolitana mais populosa do país. Faz divisa com as Regiões Metropolitanas de São Paulo e Campinas, integrando a Macrometrópole Paulista. O crescimento exponencial vivido nas últimas duas décadas fazem da cidade um verdadeiro “canteiro de obras” (BURGOS, 2015, p. 150). No entanto, o crescimento demográfico e do PIB não representaram um desenvolvimento humano, como afirma Burgos:

Sorocaba vem se caracterizando como uma cidade contraditória e desigual. Dentre inúmeras contradições, destaca-se aqui a relação conflituosa entre valorização e segregação, entre as promessas e investimentos rumo às possibilidades de uma cidade inteligente e os preceitos do direito à cidade. De fato o espaço urbano de Sorocaba vem sendo reproduzido de acordo com os fundamentos da desigualdade intrínseca à lógica de reprodução do capital (BURGOS, 2015, p. 150-151)

Embora Burgos refira-se à cidade sede da região metropolitana pesquisada, é em cenários muito semelhantes que as lutas sociais regionais se constituem. A partir dos dados levantados com a sondagem inicial dos movimentos sociais da região de Sorocaba, ou seja, com as informações disponíveis na Internet, foi possível identificar um total de 39 movimentos, entre eles movimentos sindicais, partidos políticos, movimento de cultura, esporte, educação, saúde, étnico-raciais, de juventude e de gênero. Entre os elencados, foi observado que 97,4% deles utilizavam a rede social Facebook como instrumento de comunicação, contra 30,8% que utilizam blogs e 51,3%

que possuem sites. Ou seja, a tendência na utilização das redes sociais como canal de mobilização e informação encontra-se fortemente presente nos movimentos sociais da região de Sorocaba.

Um dado curioso sobre o tipo de identificação dos movimentos na rede social está no fato de entre os 39 movimentos pesquisados existirem 21 diferentes tipos de classificações para denominar as organizações, entre elas: arte e entretenimento, artista, bar, causa, centro comunitário, comunidade, comunidade e governo, organização comunitária, organização comunitária/educação, educação, empresa, faculdade e universidade, instituto técnico, organização não governamental, organização política, partido político e serviço social. Tais denominações, que transitam desde a identificação como “empresa” até a de “organização política”, corroboram a constatação de que é característico nos NMS identidades difusas de lutas sociais.

Dentre as informações disponibilizadas pelos movimentos na Internet, vale destacar que 53,8% apresentam o próprio histórico de ações e 43,6% disponibilizam informações sobre seus membros, ainda que essas informações sejam oferecidas resumidamente. Destaca-se, também, o fato de que apenas 35,9% disponibilizam dados sobre os tipos de financiamentos que recebem, sendo 63,2% oriundos de fontes privadas e voluntariado. Esses dados sinalizam uma ação que se caracteriza mais voluntária e menos militante, ou seja, que se identifica com o que os teóricos apresentam como NMS e se aproxima do que se denominou de práxis comunitária.

No entanto, corroborando a tese de que a práxis educativa está presente em todos os modelos de movimentos sociais contemporâneos, identifica-se em 82,1% dos movimentos pesquisados algum tipo de referência à educação nos espaços virtuais que disponibilizam, evidenciando um amplo leque de metodologias e instrumentos didáticos de construção e de socialização de conhecimento, entre eles: aulas de arte, curso de arte, acesso a conteúdo literário, rodas de conversa, sarau, curso de línguas, grupo de estudos, aulas públicas, formação política, aula pré-vestibular, debate, mesa redonda, formação de professores, educação integral, curso de direito, palestra, visita guiada por sítio histórico e área de preservação, evento cultural, formação profissional, curso de informática e formação acadêmica e científica.

O questionário aplicado a membros dos movimentos sociais da região de Sorocaba totalizou o recebimento de 29 respostas cedidas por membros de 22 diferentes movimentos, pouco mais de 50% dos movimentos listados inicialmente e cuja as informações foram trabalhadas acima.

Além da cidade de Sorocaba, que contou majoritariamente com 21 participantes da pesquisa, foi possível identificar ainda um(a) participante nas seguintes cidades da região: Araçoiaba da Serra, Itu, Porto Feliz, Salto, Salto de Pirapora e Tatuí.

Na identificação do perfil dos membros dos movimentos sociais que participaram da pesquisa, é possível identificar que a faixa etária vai dos 18 aos 60 anos, com destaque para a que corresponde aos indivíduos entre 31 e 35 anos, condizendo ao dobro de ocorrências das outras faixas etárias. Ressalta-se, também, uma maioria do gênero masculino, compondo 60,7% dos participantes.

Dos respondentes, 41% declararam-se negros, pretos ou pardos, percentual consideravelmente maior do que o índice do último Censo do IBGE (2010) na cidade de Sorocaba, segundo o qual 25% da população assim se autodeclarava. Essa informação sinaliza um envolvimento taxativo da comunidade negra sorocabana nos movimentos sociais da cidade, se é que o Censo captou bem a autodeclaração de raça-etnia, pois em Sorocaba o percentual é abaixo do observado no território nacional.

Sobre os dados recebidos via questionário, é importante ressaltar novamente o fato de que as respostas obtidas foram de membros dos movimentos, o que pode não representar as perspectivas do coletivo como um todo. Reconhecendo esse limite da coleta de dados, é possível dizer que os dados fornecem pistas muito relevantes sobre os fundamentos e teorias que orientam as ações educativas dos movimentos sociais da região de Sorocaba, exemplificadas quando as respostas apresentam como influências a “educação popular freiriana” (citação mais recorrente), o “feminismo negro de bell hooks” e as concepções teóricas de autores como “Fanon e Certeau”. Sobretudo, a pesquisa também destaca a falta uma identificação clara com referenciais teóricos, constatação percebida, por exemplo, em respostas como “os métodos são diversos e geralmente feitos através de palestras”, afirmação que representa uma confusão recorrente entre métodos de ensino (debates, atividades lúdicas, palestras, cursos,) com as metodologias que as fundamentam e orientam.

A relação da Universidade Federal de São Carlos (campus Sorocaba) com o Fórum dos Movimentos Sociais da Região de Sorocaba, também leva a crer que houve uma forte influência da instituição na constituição do perfil de formação escolar dos participantes da pesquisa, já que 12 declararam ter pós-graduação completa, 3 pós-graduação incompleta, outros 12 cursam ou cursaram ensino superior, apenas um participante declarou ter somente o ensino fundamental completo. É importante destacar que o programa de Mestrado em Educação da UFSCar/Sorocaba conta com uma linha de pesquisa própria para o estudo dos movimentos sociais, denominada “Educação e Movimentos Sociais”, linha que nos últimos anos tem produzido conhecimento e aberto espaço para muitos(as) militantes dos movimentos da região tornem-se, também, pesquisadores(as). Há uma outra instituição de ensino superior, mas privada, baseada em Sorocaba e que conta com Programas de Mestrado e Doutorado, inclusive na área da educação, mas não tem o mesmo envolvimento com os movimentos sociais.

Sobre a preferência partidária dos membros dos movimentos, 08 declararam-se membros de partidos políticos, outros 08 não são membros, mas afirmam ter preferências partidárias, 09 não possuem preferências e outros 2 não responderam a pergunta. Entre os partidos apontados como preferenciais

estão: PT (Partido dos Trabalhadores), com 10 indicações, justificadas, sobretudo, por ter posição de esquerda, por "ter tirado milhões da pobreza" e por ser considerado um "instrumento de luta de classes"; PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), com 04 indicações, justificadas por ser um "partido socialista e marxista", pela prática de seus membros, por ser "radicalmente de esquerda" e por buscar a "superação do atual sistema econômico, social e cultural"; surgiram ainda menções aos partidos PRB (Partido Republicano Brasileiro Nacional), PCB (Partido Comunista Brasileiro), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e Consulta Popular - mesmo esta não se constituindo como partido formalmente estabelecido -, com uma indicação cada.

Aproximadamente 50% dos(as) participantes da pesquisa atuam nos movimentos sociais a mais de 10 anos e 67,9% deles(as) participam em mais de um movimento, sendo o mesmo percentual de respostas para aqueles(as) que já atuaram em outros movimentos sociais, sobretudo, no movimento estudantil.

Para fazer um estudo das respostas referentes a concepção de movimentos sociais dos sujeitos pesquisados e os objetivos das atuações desenvolvidas, realizou-se a divisão das respostas fornecidas por meio da identificação com os conceitos de práxis comunitária, ou seja, aquelas fundadas em identidades menores, mais específicas e fragmentadas, bem como com curto alcance histórico, e práxis social, como aquela com capacidade e disposição de ler a realidade global, o contexto, e também de intervir sobre ele com vista à transformação das estruturas sociais. Dessa forma, pretende-se nesta reflexão encontrar as visões de movimentos sociais dos militantes da região de Sorocaba, destacando entre essas as mais potenciais para a transformação das estruturas e superestruturas sociais.

Entre os argumentos apresentados na defesa da práxis comunitária como modelo de ação social, destaca-se a definição de movimento social como: "instrumento de defesa das minorias", "ferramenta para a melhora da vida daqueles que estão envolvidos no movimento", "organizações apartidárias", "agrupamento de pessoas com interesses comuns" e "organizações para reivindicar de forma organizada as necessidades de grupos específicos". Os argumentos apresentados refletem uma visão fragmentada da sociedade, que percebe na atuação via movimentos sociais a solução de problemas específicos de grupos delimitados.

No entanto, é possível reconhecer conceitos transitórios entre uma visão de prática fragmentada e uma visão global das relações sociais, em argumentos como: "atuar na sociedade para propor melhorias", "alcançar mudanças sociais pelos embates políticos", "fazer críticas ao capitalismo", "buscar melhorias para a sociedade em geral", entre outros.

Para além desses, pode-se mencionar, também, argumentos que demonstraram claramente modelos de práxis social, identificados quando os participantes afirmam que os movimentos sociais são "a superação do

ativismo”; “a busca da utopia pela ação da e na sociedade”, “luta de classes com objetivos e interesses claros” e “transformação das estruturas e superestruturas sociais”.

Sobre os objetivos em atuar junto aos movimentos sociais, vale destacar, também, o caráter educativo da atuação presente em parte das respostas obtidas, quando os participantes respondem, por exemplo, que integram movimentos para “promover a transformação social pela educação”, “conscientizar-se e conscientizar os outros sujeitos”, “aprender para poder se engajar e superar o capitalismo”, “ampliar os conhecimentos e capacidade de ação no mundo” e “aprender para ensinar”. Ou seja, parte significativa dos militantes identifica o caráter educativo dos movimentos como sendo o objetivo principal da própria existência, fato que torna ainda mais emergente a necessidade de compreender quais são os referenciais teórico-metodológicos em que os movimentos se inspiram para promover essa ação educativa e de que forma ressignificam esses paradigmas para uma ação educativa não escolar.

Um total de 57,1% dos participantes declararam considerar que existem movimentos mais relevantes do que outros. Entre as justificativas apresentadas é possível identificar o grau de relevância tanto relacionado ao movimento ao qual o sujeito faz parte, como também sendo importante aqueles movimentos capazes de fazer uma luta pela igualdade sem considerar uma pauta mais expressiva que a outra, informações que levam a crer que, embora não tenha sido considerada a luta de classes o fator mobilizador mais expressivo, é possível encontrar aspectos transitórios entre uma práxis comunitária e uma práxis social.

Na perspectiva da análise referente à educação e aos movimentos sociais da região de Sorocaba, 96,4% das respostas foram afirmativas quanto a existência de ações educativas como parte da práxis dos movimentos, que foram pontuadas em mais de 25 diferentes metodologias de práticas de ensino-aprendizagem, entre elas: grupos de estudos, oficinas, debates, fóruns, encontros temáticos, sarais, cineclubes, produção de pesquisas científicas, entre outros. A existência de variadas formas de educar revelam uma potência criativa nesse modelo de educação que se constrói com mais autonomia e liberdade em comparação aos modelos escolares, inclusive, possibilitando que dessas práticas surjam novas tendências, como foi o caso da educação popular freiriana, que surgiu não da escola formal, mas de uma experiência de movimento social e, posteriormente, passou a inspirar modelos escolares de educação. No entanto, a escola, a universidade e outros espaços de educação formal aparecem, também, como referência, seja como parceiros nas atividades empreendidas, sejam como lócus de realização das ações dos movimentos, como é o caso do movimento estudantil e de outros que se articulam a partir do espaço escolar.

Entre o público alvo das ações educativas realizadas nos movimentos é possível identificar, nas respostas obtidas, preferência por ações que atendam ao público geral, mas com destaque para ações que focam, principalmente, jovens, crianças, mulheres, dirigentes de movimentos, professores e estudantes.

Esse foco da ação não permite, contudo, identificar se é ela desenvolvida por meio de práxis comunitárias, sociais ou por uma articulação delas.

São objetivos identificados na educação não escolar dos movimentos sociais da região de Sorocaba tanto os que tratam do atendimento das necessidades de setores específicos da sociedade, principalmente jovens, mulheres e negros(as), quanto os necessários à superação da condição e subalternidade das classes exploradas, identificadas nas respostas que destacam como foco das ações educativas promover “a conscientização política e para a luta”, “a reflexão crítica”, “a capacidade de compreensão das mudanças sociais”, a “democratização do acesso a educação”, a “emancipação e a capacitação de novos militantes para garantir a continuidade e a expansão dos movimentos sociais”. Tais dados, novamente, sugerem a potência do surgimento e da manutenção de um modelo de práxis social, em detrimento de uma práxis comunitária, ainda que a maioria dos movimentos que participaram da pesquisa possa ser identificada como NMS, ou seja, as ações que desenvolvem estão voltadas, prioritariamente, ao caráter cultural e identitário.

Entre os movimentos pesquisados, cerca de um terço declarou seguir um modelo de diretriz específico, sendo, predominantemente, o modelo da educação popular de Paulo Freire a referência mais utilizada<sup>5</sup>, seguida em número bem reduzido pela utilização de diretrizes oficiais dos governos federal e estadual. A relação de Freire com as camadas populares, seu projeto de alfabetização de adultos e sua visão de educação como um “que-fazer humano, portanto, que ocorre no tempo e no espaço, entre os homens, uns com os outros” (FREIRE, 1969, p. 123) aproxima as práticas educativas não escolares dos militantes com a concepção freiriana de educação, que é apropriado diferentemente por sujeitos orientados por divergentes paradigmas teórico-metodológicos.

Na maioria dos movimentos que declararam não seguir uma diretriz pedagógica é possível apontar, com base nas justificativas, uma confusão entre os conceitos de diretriz pedagógica e método de ensino, sobretudo, quando parte significativa deles defendem a não existência de diretriz em detrimento da liberdade para que cada “educador(a)” que participe do movimento possa utilizar a diretriz que lhe convém, sem perceber, portanto, que está intrínseco nas diretrizes estabelecidas (ou não) visões próprias de homem, de mundo e de prática, que podem, na grande maioria dos casos, divergir de concepções centrais dos movimentos. A confusão também é destacada quando os movimentos, por não terem a educação como foco da ação, considerarem que não adotam diretriz por não serem movimentos que tratam prioritariamente de educação, mais uma vez sem se atentarem ao fato de que nas práticas que empreendem, embutem, ainda que de maneira não consciente, diretrizes para as ações.

---

<sup>5</sup> Em pesquisa realizada junto aos movimentos sindicais, esse fato também se constatou (cf. MARTINS, 2012b).

A existência de parcerias nas ações educativas dos movimentos sociais da região de Sorocaba, também merecem destaque, na medida em que aparece em cerca de um terço de ocorrências a estabelecida prioritariamente com outros movimentos. Esse fato indica uma probabilidade grande de existência de práxis criativas, capazes de desvencilharem-se de práticas reinterativas impostas pelos burocratismos do Estado ou pelo assédio econômico do mercado, possibilitando a criação do radicalmente novo (MARTINS, 2011, p. 540-541).

## Considerações finais

De acordo com os dados fornecidos pelos militantes dos movimentos sociais da região de Sorocaba, as práxis educativas por eles desenvolvidas apresentam limites, como são a falta de orientação metodológica, o curto espaço de tempo das ações educativas, a falta de estruturas adequadas para o desenvolvimento delas e a pouca adesão de militantes. Todavia, é notável que os resultados obtidos com tais práxis acarretam importantes resultados, entre eles o empoderamento das camadas excluídas da sociedade, a formação de novos membros para os movimentos sociais, o engajamento de novos militantes e o fortalecimento dos que já estão organicamente envolvidos nas lutas sociais, além do fortalecimento das forças políticas de esquerda da região.

Portanto, a práxis educativa dos movimentos sociais, sejam elas comunitárias ou sociais, de movimentos clássicos ou NMS, não pode ser considerada apenas como mais um elemento em suas composições, já que se caracteriza como elo importante da espinha dorsal dos movimentos, ou melhor, um instrumento indispensável à própria existência e à transformação do atual e limitado padrão de civilidade originário do modo de produção capitalista. Isso porque, na medida em que garante a formação de novos quadros que darão continuidade às lutas sociais e a manter os militantes já engajados preparados para fazerem a “leitura de mundo”, necessária para a mobilização de ações transformadoras das estruturas e superestruturas sociais, a práxis educativa dos movimentos sociais sustenta o funcionamento do corpo coletivo capaz de empreender a luta por uma nova hegemonia, por uma nova direção da vida social, mais humana.

A participação dos sujeitos em ações educativas efetuadas pelos movimentos sociais, ainda que pouco fundamentada em métodos e diretrizes claros, é capaz de impulsionar a modificação da visão de mundo ingênua, transformando-a em concepção crítica da realidade. Isso é indispensável para mobilizar os sujeitos no caminho do engajamento na luta social, rompendo a posição de subalternidade pela práxis que produz a superação da posição de explorados.

## Referências

BURGOS, R. Pesquisa qualitativa: reflexões geográficas a partir de um estudo de caso sobre as contradições urbanas da cidade de Sorocaba/SP/Qualitative

Research: Geographic Considerations from a Case Study on Urban Contradictions of the City of Sorocaba-SP. *Geographia Meridionalis*, v. 1, n. 1, p. 145-159, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/5692-17822-1-PB.pdf>. Acesso em: 20/04/2016.

CARDOSO, M. M. R.; MARTINS, M. F. A catarse na pedagogia histórico-crítica. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n° 57, p. 146-164, jun2014. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/6110/0>. Acessado em: 20/04/2016.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo (org.). *A sociedade em rede: do conhecimento à Acção Política*. Trad. de Tânia Soares. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, p. 17 a 30. (Debates – Presidência da República). Disponível em: <http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>. Acessado em: 20/09/2013.

CHAUÍ, M. *Cidadania cultural*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

FREIRE, P. Papel da educação na humanização. *Revista Paz e Terra*. São Paulo, n. 9, p. 123-132, out.1969. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/Freire,%20Paulo%201969%20Papel%20da%20educacao%20na%20humanizacao.pdf>. Acessado em 20/04/2016.

GALVÃO, A. Marxismo e movimentos sociais. *Crítica marxista*, n° 32. São Paulo: UNESP, 2011, p. 107-126.

GOHN, M, da G. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 2ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MALFATTI, S. A. Os Movimentos Sociais em Alain Touraine. *Revista Estudos Filosóficos*, n° 6/2011. UFSJ - São João del-Rei, p. 217-228. Disponível em: <http://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art13\_rev6.pdf>. Acessado em: 20/04/2016

MARTINS, M. F. Educação sócio-comunitária em construção. *Revista Histedbr On-line*, Campinas, n. 28, p. 106-130, dez. 2007, Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/28/arto8\_28.pdf >. Acesso em: 02 set. 2010.

\_\_\_\_\_ e MENDONÇA, Viviane Melo de. Formação e atuação dos militantes dos movimentos sociais. *Revista Impulso*, Piracicaba-SP, n° 20 jan-

jun de 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/338/468>. Acessado em: 10/07/2015

\_\_\_\_\_. Práxis e "catarsis" como referências avaliativas das ações educacionais das ONG's, dos sindicatos e dos partidos políticos. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 16, n. 3, p. 533-558, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v16n3/v16n1a03.pdf>>. Acessado em: 04/04/2015.

\_\_\_\_\_. (org.). *História dos movimentos sociais da região de Sorocaba: origens, conquistas e desafios*. Holambra/SP: Editora Setembro, 2012a. Disponível em: <[http://www.ppped.ufscar.br/mce/arquivo/pagina29/hist%C3%B3ria\\_dos\\_movimentos\\_sociais\\_da\\_regi%C3%A3o\\_de\\_sorocaba\\_-\\_marcos\\_francisco\\_martins\\_\(org.\).pdf](http://www.ppped.ufscar.br/mce/arquivo/pagina29/hist%C3%B3ria_dos_movimentos_sociais_da_regi%C3%A3o_de_sorocaba_-_marcos_francisco_martins_(org.).pdf)>. Acessado em: 19/04/2016.

\_\_\_\_\_. Educação, movimento sindical e a polêmica em torno da proposta de "sindicato cidadão". *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 45, p. 153-173, mar.2012b. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/3080/2741>>. Acessado em: 20/04/2016

\_\_\_\_\_. La educación política a través de los movimientos sociales: notas sobre las protestas ocurridas en 2013 en Brasil. *Revista Pasos*. San José-Costa Rica, n° 161, out-dez.2013, p. 34 a 54 (Disponível em: <<http://www.deicr.org/pasos-no-161>>. Acessado em 01/04/2015)

\_\_\_\_\_. Educação não escolar: discussão terminológica e mapeamento dos fundamentos das tendências. *Revista Contrapontos*. v. 16, n. 1, p. 40-61, jan-abr.2016. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/7609>>. Acessado em 19/04/2016.

MELUCCI, A. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova*, n° 17, São Paulo, junho de 1989. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n17/a04n17.pdf> >. Acessado em: 19/04/2016.

PICOLOTTO, E. L. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, ano I, edição 2, nov.2007, p. 156-177. Disponível em: <<https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/view/358>>. Acessado em: 19/04/2016.

SADER, E. Há ainda direita e esquerda? *Carta Maior*. 13/04/2010. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=446](http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=446)>. Acessado em: 20/04/2011.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 3ª ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1992. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 40).

\_\_\_\_\_. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, dez.2013. Disponível em: <[www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/.../9713/7100](http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/.../9713/7100)>. Acesso em: 28/04/2014.

TOURAINÉ, A. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S. *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977, p. 335-362.

TUMOLO, P. S. *Da contestação à conformação* - a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista. Campinas-SP: Unicamp, 2002.

**Recebido em:** 22/04/2016

**Aceito em:** 20/06/2016